

XYZ

## Morro do Chapéu

## Memórias de uma tragédia

## Acidente aéreo em Sapucaia do Sul completa 76 anos

Bruno Morais

bruno.morais@gruposinos.com.br

Setenta e seis anos de uma história que persiste entre as cenas mais marcantes do Rio Grande do Sul. O acidente aéreo no morro do Chapéu, em Sapucaia do Sul, vitimou 51 pessoas entre tripulantes e passageiros; todos a bordo do Lockheed Constellation PP-PCG, da Companhia Panair do Brasil. A história segue viva até hoje, principalmente na memória das poucas testemunhas do ocorrido, como Alberto Cassel.

Hoje aos 82 anos, Alberto era apenas um menino quando a tragédia foi registrada. Sentado à mesa ao lado dos pais, Emílio Jorge e Elsa Cassel, já falecidos, e dos irmãos Frederico e Cristiano, a família teria escutado um forte estrondo, se deparado com um clarão em meio ao início da noite e percebido que algo incomum teria ocorrido. Era uma sexta-feira chuvosa, dia 28 de julho de 1950.

“Estávamos na mesa jantando, deu um clarão e o pai disse ‘luft’ (ar), em alemão. Ouvimos o barulho, um clarão, estávamos a dois quilômetros mais ou menos do morro”, conta a testemunha, que lembra a ida do pai e do tio acompanhados de empregados da casa até o ponto do acidente. Emílio teria sido o primeiro a chegar no local e se deparar com a forte cena.

“Eu era criança, mas foi um acontecimento na época grande, mas eu não tinha a medida do que era uma catástrofe”, revela Alberto. No domingo, a família Cassel subiu o morro para que todos pudessem ver os destroços. “Me lembro perfeitamente de juntas de boi trazendo morro abaixo a fuselagem, restos do avião, motores. Os corpos certamente já tinham sido retirados todos. Isso eu vi”, comenta Alberto Cassel.



Hoje, aos 82 anos, Alberto recorda as memórias impactantes compartilhadas ao lado da família

## Sons, tristeza e as semanas seguintes

Mais de sete décadas após o acidente, Alberto Cassel constituiu família e vive, hoje, ao lado da esposa Ivone Cassel, uma vida mais tranquila, ainda em Sapucaia do Sul. No entanto, as recordações do ocorrido e do sentimento de seus familiares ainda vivem na memória de Alberto. “Era um estrondo abafado, um tiro seco. Não me lembro de ronco de motor antes da colisão, só me lembro do estrondo e o clarão, mas clarão mesmo e estrondo muito forte,

que ecoou longe. Eu vi a mãe chorando, ela tomou sentido da coisa”, conta.

Em respeito à cultura de antigamente, Cassel e os irmãos não se intrometiam na conversa dos adultos, mas ele recorda que o tamanho do ocorrido gerava debates nos dias subsequentes. “Aquilo perdurou por semanas, mas, para mim, passava batido essa conversa deles; eu era criança. Naquele tempo, era coisa de adulto, conversa de adulto, [as crianças] não faziam nem pergunta”.



Alberto Cassel mora atualmente a cerca de dois quilômetros de onde o acidente foi registrado e indica o local do fato, datado em julho 1950

## Famílias guardavam peças

Uma das cenas curiosas testemunhadas por Alberto eram as visitas feitas ao local do acidente, acompanhadas de coletas de materiais como lembrança do fato. “O que me lembro do tempo de piá é que as famílias todas levavam um pedaço para casa, souvenir, digamos”, menciona o aposentado.

Conforme Cassel, a situação virou até peça especial na brincadeira entre as crianças. “Tinha um vizinho que recolheu uma peça do avião, uma engrenagem. Se usava muito carrinho de lomba, ele usou o mecanismo, adaptou no carrinho de lomba dele, e com as mãos a gente, no plano, se movimentava. Isso me lembro. A piazada andava com pedaços do avião por aí”, cita Alberto, que retornou outras vezes com a esposa, filho e netos ao local, contando histórias e revivendo o momento.

DIVULGAÇÃO



Pessoas ao lado dos destroços do Lockheed Constellation PP-PCG, no ano do acidente



## As causas

Más condições meteorológicas e falhas na comunicação via rádio culminaram na tragédia. O voo decolou do Galeão, no Rio de Janeiro, em direção a Porto Alegre. Devido ao mal tempo, o Constellation precisou se desviar para a então Base Aérea de Gravataí (hoje Base Aérea de Canoas), e depois de duas tentativas de pouso arremetidas no local, o avião colidiu contra os morros de Sapucaia do Sul.

## Filme foi lançado

A Casa Rosa Filmes decidiu transformar as lembranças em longa metragem, a partir de uma pesquisa acadêmica. “O Caso do Voo 099” conta com depoimentos e acervos jornalísticos da época e teve sua pré-estreia no dia 25 de junho.